

1070



ANO I - N.º 2

JUNHO - 1970

Órgão da aula de redacção revolucionária

CHAUVINISMO

"Hoje Balila, amanhã soldado, sempre fascista." Eis o grito de guerra lançado por mais de 5 milhões de jovens italianos que, nas escolas de Mussolini, são educados num espírito enraçadamente militarista.

De facto, a educação dos jovens merece, do governo fascista italiano grandes cuidados, no sentido de que se tornem não só trabalhadores que suportam a exploração e a tirania na fábrica ou no campo, mas também que se tornem escravos dóceis para que, sempre que são o grito de guerra, enfileirem, imediatamente, nas hostes militaristas, oferecendo o seu corpo à matança. A educação da juventude, nesse sentido, começa muito cedo nesse país. Pode dizer-se que os jovens ainda não sabem pensar, quando começam a ser moldados do espírito fascista.

Assim, dos 6 anos, o jovem

italiano ingressa nos grupos preparatórios, com o nome de "filhos da Loba"; dos 8 passam para "Balillas"; dos 14 dos 18 são "lanquardistas". A educação propriamente militar começa dos 8. Desta data em diante, os jovens italianos começam a aprender o manejo da espingarda; por volta dos 14 em diante, começa a sua educação na verdadeira arte militar.

Desta maneira, o fascismo italiano consegue acorrentar a si a juventude, incutindo-lhe, no cérebro, as teorias mais chauvinistas.

Em lugar de amar a cultura, a paz e a Humanidade, ensinam a odiar os povos dos países onde reina ainda a liberdade. É este o deplorável aspecto da vida juvenil italiana; e esta a herança que o fascismo legou à juventude.

(continua na pag. 3)

Frente Popular Frente Juvenil

Está organizada a Frente Po-
pular, em Portugal. Ela repre-
senta a aliança dos partidos
pequeno-burgueses — partidos egru-
pos republicanos — e as forças do
proletariado, dute a ameaça cres-
cente do fascismo, encabeçada
pelo grande capital.



Para a sua organização e pro-
talycimento, compete a todos os
proletários ajudá-la moral e ma-
terialmente, pois a sua vitória
representa um passo em frente
na consolidação da frente operária.

Nestes últimos dez anos de poli-
tica grande-burguesa — personifi-
cada na criação de "trusts" e con-
sorcioms — a pequeno-burguesia
tem sido radicalizado mais e mais,
até confundir-se com o proletariado.

Esta aproximação económica
entre o proletariado e pequeno-
-burguesia determinou, também,
a sua aliança na luta pela der-
rubarmento da ditadura, sendo
criada uma plataforma de comba-
te — a Frente Popular.

Logo, nos actuais circunstân-
cias, a Frente Popular é a úni-
ca força capaz de derrubar o
fascismo e dar uma saída
à miserável situação do pro-
letariado e da pequeno-burgue-
sia, elevando as suas cama-

A vida da juventude traba-
lhadora nos países capitalistas
peora incessantemente. A jovem
geração é hoje, mais do que
nunca, vítima de uma opres-
são feroz e privada, tanto
profissional como culturalmente
dos seus mais elementares direi-
tos juvenis. Ela tem sido a maior
vítima do capitalismo. Substituiu,
na fábrica, a mão-de-obra adul-
ta — mais cara — pela sua, desvalo-
rizada. Perante nós, jovens explo-
rados, apresentam-se largas pers-
pectivas de luta contra o fas-
cismo gerador das guerras e
inimigo fidal da juventude
trabalhadora.

O primeiro passo neste caminho é
a unificação da juventude anti-fascista,
porquanto, sem ela, é nos impossível
marchar na conquista do Pão, da
Paz, da Liberdade e da Cultura. A ju-
ventude da França, Espanha e de
mais países demonstraram-nos que
é possível a unidade de acção na
conquista de um nível de vida superior.

Só unindo-nos em volta da Fd, derrubare-
mos a ditadura e com este conseguiremos
o advento duma era de paz para todos
das a uma situação economi-
ca mais desatogada e a
uma vida mais livre e
feliz.



CLASSES

A história demonstra-nos que a sociedade está dividida em classes e que estas têm mantido uma luta contínua, desde a sua aparição, ou seja, desde que desapareceu a propriedade colectiva para dar lugar à propriedade privada, luta que, segundo Marx, "terminou sempre pelo desaparecimento das duas classes em luta."

A hegemonia política tem sido dada sucessivamente às classes que representam a expressão económica dum dado período histórico, isto é, cujos interesses, representando as forças decisivas do país, necessitam adaptar a super-estrutura às novas condições económicas que, pouco a pouco, surgem. A classe cuja acção expansiva é estor-

vada pelo poder político vigente e que representa a expressão económica da sociedade, — caso da burguesia frente do regime feudal — do conquistar a hegemonia política, rioga-se, como classe, desprotegida, para se afirmar sobre outro aspecto. Ela passou de classe dominada a classe dominante.

Então surgiu a classe proletária. O domínio exercido até então pelo feudalismo sobre a burguesia, passou esta a exercê-lo sobre o proletariado.

Com o desenvolvimento dos meios de produção, com o aparecimento da grande indústria, que sucedeu do período manufatureiro pequeno-burguês outra classe apareceu — a grande burguesia, o capitalismo industrial e financeiro.

Esta nova classe origina a radicalização da pequeno-burguesia e tal ponto que esta chega a confundir-se com o proletariado. São estas duas classes — pequeno-burguesia e proletariado — que aproximando-se, cada vez mais, hão-de chegar a ter objectivos políticos comuns — e este será o tipo de Revolução em Portugal — e, nesta ordem de ideias, fazer a revolução democrática popular que precedera à Sociedade Comunista.

GES
PCP

CHAUVINISMO

(continuação da pag. 1)

Em Portugal começa, também, a esboçar-se, por parte do governo de Salazar, o desejo de seguir os mesmos métodos. A nós cabe demonstrar à juventude a mentira de que estas doutrinas são compostas. A das resoluções do VI Congresso muito podemos fazer nesse sentido. É necessário, pois, dignos sem perda de tempo.

G

Tarefas prisionais



Polícia...

Temos trabalhado bastante nos nossos órgãos prisionais sobre a posição revolucionária dentro da prisão. Por isso, todas as vezes que nisto falamos são oportunas, já porque vai dando ânimo aos que se encontram presos e que se relacionam, já porque vai decidindo as camadas que se encontram em liberdade, e que, mais dia menos dia, venham a cair nas mãos da polícia.

A burguesia prende-nos para nos reger e nós transformamos as prisões que, antes de ela, servem para nos castigar e retrocedermos nas nossas convicções políticas, em local de estudo, de aperfeiçoamento a nosso nível cultural revolucionário.

Em liberdade o tempo é pouco para a nossa labuta prática e poucos momentos de nos formarmos teoricamente e é na prisão que vamos encontrar essas possibilidades, com leitura de livros, elaboração de artigos para os nossos órgãos, trabalho prático de organização, leituras comentadas e todo um caudal de trabalho necessário e que será desnecessário enumerar.

Somos contra a tendência de que a prisão se fez para descausar, por que este nos compenetrados da nossa missão no movimento revolucionário do proletariado.

Regeremo-nos, sim, mas segundo o nosso conceito de regência.

Quando sucede cairmos nas garras da polícia, somos imediatamente levados para a sala chamada da "paciência" que regularmente se encontra em completo movimento de presos e polícias, os quais nos assediavam com as mais torpes palavras, acompanhadas logo de uns leves sarações. Uma chuva de perguntas começa logo a cair sobre nós, da parte dos detidos que, não tendo nada que fazer, se entretêm a achincalharmo-nos.

Entre os ditos destacam-se, por exemplo: "hã sejas parvo, dice tudo porque os teus camaradas desgraçaram-te"; "Não vêes que andas a servir de escada para os outros!"; "Os teus chefes querem e comer à tua costa" e tantos mais que é estúpido enumerar.

No primeiro contacto como investigador, uma onda de terror nos invade; a atitude feroz que nos rodeia é completamente desoladora. Regularmente, 4 a 7 agentes estão preparados com diversos objectos de tortura prontos do menor gesto do chefe. Uma série de perguntas nos são dirigidas, as quais não obtendo resposta satisfatória se sucedem os espancamentos. Muito tempo permanecemos ali, dum completo sadismo por parte desta turba muito insatisfeita de vítimas e de sangue.

Após estes sofrimentos — nos quais estão incluídos os longos incomunicabilidades — que duram de 1 a 3 meses — somos transportados dos imundos — la boxes do Civil e... como epíteto uma vida de tortura na forte leza de Peniche ou na uerripa de 17 de Abril.